

# O engodo dos plásticos oxi-degradáveis

FRANCISCO DE ASSIS ESMERALDO

Deputados estaduais, vereadores e secretários de governo bem intencionados em relação ao meio ambiente têm proposto projetos de leis para obrigar o comércio a substituir sacolinhas plásticas por sacolas supostamente biodegradáveis.

Na imaginação das pessoas, essas embalagens poderiam ser jogadas fora sem causar maiores danos ambientais. Isto não é verdade. E os projetos de lei nessa direção, embora louváveis na sua intenção, padecem de um grave engano técnico. Se aprovados, terão o efeito contrário e ocasionarão graves transtornos ao ecossistema.

Os plásticos que essas autoridades imaginam biodegradáveis na verdade não o são. Trata-se de plásticos meramente oxi-degradáveis ou fragmentáveis, uma vez que apenas se esfurelam. Eles recebem um aditivo que acelera seu processo de degradação. Contudo, não se biodegradam, **porque não se decompõem em até seis meses**, como prescrevem as Normas técnicas nacionais e internacionais para que ocorra a biodegradação. As sacolas feitas com esses plásticos aditivados, são incorretamente denominados de oxi-biodegradáveis, caracterizando o apelo a um falso eco-marketing.

Os plásticos oxi-degradáveis, quando começam a se degradar, dividem-se em milhares de pedacinhos. No fim do processo não vão desaparecer, e sim virar um pó que facilmente irá parar nos córregos, rios, represas, lagos e mares, etc.

Isso significa que nossa geração poderá beber involuntariamente plástico oxi-degradável misturado à água! E mais: os fragmentos poderão ser ingeridos por animais silvestres, criações nas fazendas, pássaros e peixes, causando sérios danos econômicos e ambientais, com conseqüências imprevisíveis.

Por este motivo, a Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos alerta e enfatiza: plásticos aditivados não são biodegradáveis por não atenderem às Normas internacionais de biodegradação.

Tal fato foi amplamente comprovado por universidades e centros de pesquisa como as Universidades de Michigan e da Califórnia nos Estados Unidos e Mackenzie no Brasil, dentre vários outros institutos acadêmicos.

Todas estas entidades constataram que as sacolas plásticas aditivadas não se biodegradam nem na superfície de aterros; fragmentam-se, ou seja, geram uma poluição invisível; ao se decomporem, deixam fragmentos do material no solo; liberam substâncias orgânicas; depois de fragmentadas não podem ser coletadas, nem recicladas mecanicamente e nem recuperadas energeticamente, pois o aditivo que recebem para acelerar o tempo de sua degradação pode ser prejudicial ao meio ambiente.

O que a população pode e deve fazer é praticar os 3 R's: **Reduzir** o excesso de sacolas que são usadas para transportar compras, **Reutilizá-las** dando-lhes uma infinidade de novos usos, promover a coleta seletiva e **Reciclá-las**. O poder público pode ajudar de duas formas, aumentando a coleta seletiva municipal dos resíduos urbanos uma vez que somente 7% das cidades brasileiras têm esse tipo de serviço e estimulando a população a separar o lixo orgânico do reciclável dentro de suas casas.

As prefeituras também poderiam parar de jogar milhões de reais no lixo se, em vez de fazer aterros sanitários, construíssem Usinas de Recuperação Energética para gerar energia térmica e elétrica. Em todo o mundo, cerca de 150 milhões de toneladas/ano de lixo urbano vão para mais de 750 instalações para essas usinas, todas perfeitamente adequadas às mais rígidas normas ambientais. As embalagens e sacolinhas plásticas que todos utilizamos para embalar o lixo ajudam nesse processo, economizando combustível. Isso é possível devido ao elevado conteúdo energético dos plásticos, equivalente ao do óleo combustível e diesel.

Algumas importantes redes de supermercados já estão fazendo sua parte, ao adotarem as sacolinhas com o Selo do Programa de Qualidade e Consumo Responsável das Sacolas Plásticas. Estes estabelecimentos só utilizam sacolinhas resistentes, fabricadas dentro da Norma Técnica, que não rasgam com facilidade e não precisam ser colocadas uma dentro da outra para levar produtos mais pesados. Apenas com essa medida, o consumo dessas embalagens poderá se reduzir em 30%.

Os plásticos são duráveis, leves, impermeáveis, resistentes, seguros, atóxicos, inertes, não mofam nem enferrujam. Daí porque os plásticos se tornaram indispensáveis à vida moderna. Se o material é tão bom e provém do petróleo (um recurso finito), ele jamais deveria receber um aditivo que acelere sua fragmentação, impedindo seu reuso! Isso é estimular o desperdício, o que vai contra as sociedades que pretendem ser ambientalmente corretas.

Por todas estas razões, os vereadores e deputados que propõem Projetos de Lei obrigando a substituição de sacolinhas plásticas por embalagens oxi-degradáveis deveriam repensar suas iniciativas e mudá-las para estimular o consumo responsável dos plásticos, ou seja, para praticar os 3 R's.

Obrigar ao uso de sacolas ou outros produtos plásticos com aditivos que aceleram sua degradação e impedem sua reciclagem em nada ajuda na preservação do meio ambiente. Ao contrário! Rejeitar o falso eco-marketing das sacolas oxi-degradáveis, incorretamente denominadas de oxi-biodegradáveis, constitui-se numa atitude daqueles que, de fato, valorizam a questão sustentabilidade, o que equivale dizer, têm uma visão do futuro.

**Francisco de Assis Esmeraldo** é eng<sup>o</sup> químico, presidente da Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, membro do Conselho Superior de Meio Ambiente da FIESP, do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN (RJ) e do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE).

São Paulo, 13/01/09